



As questões da retoma

Ana Loya Administradora da Ray Human Capital

Ainda em período de férias de verão e em plena campanha bi-eleitoral, apresentar hipóteses acerca da retoma de mercado de emprego, é o mesmo que tentar adivinhar o curso do país e da história... Esta é uma altura em que se fala muito e onde as mentes mais analíticas precisam de estar atentas e cautelosas. Quem tem ouvidos que ouça! Por um lado ouvimos um discurso que faz pensar que não é necessário retoma, dado que nunca houve recessão. Por outro, há discursos que aparentam a catástrofe e a inviabilidade de qualquer retoma. Algures pelo meio o que se poderá (deverá) fazer? Os espaços noticiosos falam das eleições, da Selecção e da Gripe A. Parece haver indícios internacionais da retoma económica. Na realidade, neste período de Verão, os factos observáveis, não permitiriam a um alienígena diagnosticar qualquer crise... As cidades estavam mais vazias — o que significa que as pessoas fizeram férias fora do seu local habitacional. As praias, as esplanadas, os destinos turísticos estavam cheios. Talvez o indicador mais notório da crise se visse nas montras das lojas comerciais onde, independentemente da altura do ano, há saldos, promoções e mais re-promoções. Há então meio país para quem interessa pouco a retoma ou a recessão. Os que trabalham e recebem o seu salário. A questão aqui coloca-se: e os sem trabalho? Os sem subsídio e sem novas oportunidades? Já várias vezes me

pronunciei acerca da mudança de paradigma económico. Também já aqui falei da selecção natural de mercado. E, um aspecto fundamental, também já aqui falado é o da nossa Lei do Trabalho que impede qualquer companhia estrangeira de se vir cá instalar. Não creio que as multinacionais que se deslocalizaram de Portugal voltem atrás. Talvez este modelo na moda dos Serviços Centralizados não funcione tão bem como esperado mas, a voltarem a Portugal depois de terem saído, será sempre com pequenas dimensões, estruturas comerciais, de serviço e pouco mais. Resta-nos então a iniciativa nacional. Os portugueses capazes de criar empresas, empregos e novos negócios. E, aí, pergunto-me: que se tem feito para dinamizar os apoios às PME? Ao regime fiscal de tributação? Ou seja, o que é que se tem feito ou proposto para incrementar estas iniciativas? E se não se tem feito quais as propostas para fazer? Creio que pouco, muito pouco. Nos debates que vamos ouvindo dos principais líderes partidários, ainda não percebi quaisquer propostas concretas a este respeito. Para quando a retoma do emprego? Pergunta, cuja resposta vale o Euromilhões ou um contrato 'ronaldiano'. Não sabemos. Faz-se por isso. A luta pela sobrevivência a isso obriga. Quando as coisas não mudam, é necessário mudar a forma de as encarar, de as abordar, de conseguir viver no seu meio. E, as iniciativas são voluntárias. Não são planeadas nem obrigadas. Mas, terão de ser ajudadas, apoiadas e reconhecidas. Aí, será mais fácil planear a retoma.